

COTIDIANO E VIOLÊNCIA

crimes e identidades étnicas entre imigrantes italianos no meio rural paulista

Oswaldo Truzzi *

Karl Monsma *

“A história era, antes de tudo, obra de justificação dos progressos da Fé ou da Razão, do poder monárquico ou do poder burguês. Por isso, durante muito tempo ela se escreveu a partir do “centro”. Os papéis representados pelas elites do poder, da fortuna ou da cultura pareciam ser os únicos que contavam. A história dos povos se diluía na história dinástica, e a história religiosa na da Igreja e dos clérigos. Fora dos grandes autores e das letras eruditas não havia literatura. A partir do centro irradiava-se a verdade, à qual eram comparados todos os erros, desvios ou simples diferenças – por isso, o historiador podia legitimamente situar no centro sua ambição de escrever uma história “autêntica” e “total”. O que escapava ao seu olhar era apenas “resto” supérfluo, “sobrevivência” anacrônica, “silêncio” cuidadosamente entretido ou simples “ruído” sobre o qual se evitava falar”. (Michel de Certeau apud Schmitt, 1990: 261)

A consciência dos limites da “grande história” em poder abarcar a multiplicidade de pontos de vista exigidos para a compreensão de um fenômeno fascinou toda uma geração de historiadores franceses no século passado, agrupados em primeiro lugar ao redor dos ‘Annales’ e, na geração seguinte, no que se convencionou chamar de ‘História Nova’. Reconhece-se hoje que em boa parte compreender surge da possibilidade de se comparar diferentes perspectivas, construídas não apenas a partir do “centro”, mas também das “margens”. Entrecruzados os pontos de vista, revelam um objeto mais rico, composto de múltiplas faces, quase nunca em conformidade com os discursos unanimistas dos detentores do poder. Assim, além de preencher as “margens” da história, uma história que se faça a partir das “margens” é capaz de reconfigurar a própria história

do “centro”.

Um problema desde logo se impõe: o das fontes. Cada vez que se abre um novo paradigma, instrumentos tradicionais têm de ser repensados. Que estratégias de documentação utilizar? Como hoje dar voz a quem esteve no passado à margem das realizações dos poderosos, convertidas estas em história oficial? Em raras ocasiões, os humildes registraram eles próprios suas ações ou idéias. Em geral, são os poderosos que falam *sobre* os humildes e marginais.

Por essa razão, conforme apontou Schmitt (1990:284), “chegar diretamente ao que os marginais diziam, sem passar de uma maneira ou de outra pela mediação de um discurso oficial ou erudito, é uma empresa quase desesperada”. Na maior parte das vezes, a estratégia mais eficaz é utilizar arquivos e documentos diversos produzidos *pelo* “centro” *a respeito dos* marginais. E não deixa de

ser irônico que boa parte desses documentos assim produzidos originaram-se dos aparelhos repressivos: apurações, inquéritos, processos, registros de carceragem, etc. constituem fontes preciosas por registrarem, mesmo que filtrados pela pena dos escrivães, ecos retumbantes das vidas dos humildes.

Este artigo se propõe a investigar, a partir de inquéritos e processos criminais ocorridos na comarca de São Carlos, o cotidiano conflituoso de imigrantes italianos na economia cafeeira do interior paulista. Interessa aqui especialmente aqueles conflitos cujo desenrolar deixa entrever alinhamentos étnicos. O cenário é a última década do século XIX, quando o incremento do plantio atraiu para o município em questão um grande contingente de imigrantes europeus. A maior parte deles foi empregue como colonos nas fazendas de café, mas o núcleo urbano, antes incipiente, não

deixou também de se desenvolver no atendimento às necessidades comerciais, industriais e de serviços que a economia cafeeira requiritava (Truzzi, 2000).

Examinando-se os conflitos descritos em inquéritos e processos, o crivo étnico nem sempre encontra-se presente. Na sociedade sobre a qual nos debruçamos, muitas situações de violência que desencadearam averiguações pela Justiça surgiram a partir de rugas banais, presentes no contato cotidiano de italianos, entre eles e com outros grupos, nacionais e estrangeiros, tanto na zona rural quanto urbana, em relações de vizinhança, em relações com feitores ou autoridades policiais, ou por motivo de mulheres, dívidas, discussões às vezes no trabalho, mas sobretudo após este, em momentos de lazer, especialmente nas vendas e bares, onde o álcool fazia o papel de instigar ânimos adversos ao confronto físico¹. A clivagem étnica às vezes é implícita, às vezes não aparece, em outras é invocada abertamente, nesse caso sobretudo em situações em que os contedores pouco se conhecem, e em que um deles tenta atribuir o comportamento reprovável de seu opositor a sua origem, estereotipando-o e ao mesmo tempo refletindo os preconceitos do meio social em que se encontra.

Justifica-se uma maior atenção às interações sociais cotidianas envolvendo imigrantes nos quadros da economia cafeeira do interior paulista. Boa parte da literatura disponível examina apenas as relações inter-classes (fazendeiros x colonos ou escravos), havendo pouco exame das interações no interior das camadas mais populares, compreendidas aqui como imigrantes de diferentes origens (nacionais e regionais) e brasileiros pobres, tanto brancos quanto negros.

Para tal, inquéritos e processos criminais constituem fontes preciosas

porque dão voz, ainda que obliquamente, às camadas mais populares. O conflito ocorrido, agora tratado como crime potencial, é narrado por pessoas comuns, e em seguida registrado e interpretado pela justiça, com base nos depoimentos dos implicados no caso: réus, vítimas e testemunhas. Versões sobre o ocorrido serão produzidas, demarcando explicações, justificativas e argumentos capazes de desvendar mentalidades, apreciações, pressupostos e estereótipos legitimamente aceitos – em uma palavra, todo um universo de entendimentos e condutas possíveis (Monsma, 2000).

A análise de processos criminais também é capaz de nos indicar as linhas de tensão presentes no cotidiano da época. Embora sempre caiba a advertência de que, ao estudarmos crimes, tendemos a superestimar a ocorrência de tais eventos em uma determinada sociedade (Fausto, 1984), os casos que chegam à polícia ou à justiça são como a parte visível de um *iceberg*, denotando apenas uma parcela ínfima, e mais aguda, dos conflitos presentes. Ademais, não se pode desenhar o quadro de uma sociedade idílica, sem conflitos, ou, o inverso, o quadro de uma sociedade polarizada apenas por conflitos opondo classes dominantes e dominadas. O argumento, de inspiração pretensamente marxista, de que esse é o conflito fundamental, não deve servir para obscurecer as interações cotidianas, mais frequentes, na vida dos imigrantes.

Em uma sociedade receptora de imigrantes, a análise de inquéritos e processos criminais nos oferece, portanto, uma gama variada de conflitos cotidianos envolvendo estes e outros grupos sociais. A nova situação de imigração imediatamente coloca em contato grupos que antes não interagiam, produzindo clivagens

variadas, algumas de conteúdo étnico ou racial. Identidades são assim redefinidas, pois estas se moldam não apenas conforme as tradições e história progressa dos grupos, mas também em contraposição às ameaças enfrentadas na nova sociedade.

Que situações típicas de conflito podiam ocorrer no cotidiano dos imigrantes? Que oportunidades se apresentavam para diferentes interações? Onde essas tipicamente ocorriam? Como tais situações nos informam sobre clivagens sociais e fronteiras étnicas? Para esboçar alguma tentativa de resposta a tais questões, convém nos determos um pouco sobre o ambiente rural da época.

NO MEIO RURAL

Não há consenso sobre se os fazendeiros tinham ou não preferência em dispor de uma mão-de-obra mais ou menos homogênea em suas fazendas. É certo, entretanto, que determinados grupos tendiam a se concentrar mais em determinadas funções na divisão do trabalho rural: o grosso dos estrangeiros (sobretudo italianos e espanhóis) se empregava mais como colonos propriamente ditos, responsáveis não apenas pelo plantio e colheita, mas também pelos cuidados (limpeza, adubação e replante) dos cafezais; enquanto brasileiros tendiam a se ocupar mais como camaradas, responsáveis pelos trabalhos anteriores ao plantio, como derrubada da mata, destocagem, preparação do terreno e outras funções específicas como o trato do gado e serviços domésticos. No período da colheita, como a necessidade de mão-de-obra era aguda, é provável que quase todos fossem mobilizados.

Há argumentos a favor e contra o emprego de uma mão-de-obra mais homogênea, do ponto de vista étnico.

Menos conflitos étnicos e interlocução melhor definida com o conjunto da mão-de-obra rural são motivos consideráveis para que o proprietário rural optasse por recrutar uma mão-de-obra mais homogênea. Redes de parentesco e conterraneidade também agiam no sentido de uniformizar a origem étnica da força de trabalho rural em uma determinada propriedade. Por outro lado, vários grupos de diferentes origens provavelmente facilitavam a imposição de relações de dominação pelo fazendeiro. É provável, contudo, que em situações (não raras) em que a disputa por mão-de-obra rural era grande, os fazendeiros aceitassem empregar as famílias que se apresentassem como disponíveis, independentemente de suas origens.

No caso de São Carlos, os italianos prevaleceram, uma vez que a implantação e o desenvolvimento das lavouras de café da região coincidiram em grande parte com o auge da imigração italiana para o estado de São Paulo, ocorrida nas duas últimas décadas do século XIX. De fato, a estatística agrícola elaborada pelo Club da Lavoura local, em 1899, indica uma ampla predominância (2/3) de italianos

conformadoras de simpatias e coesões étnicas às vezes mais fortes que uma suposta identidade nacional, esta debilitada pelo tardio processo de unificação italiana. Assim, não obstante a ampla predominância étnica dos italianos, o grupo era em si pouco coeso, devido às enormes diferenças regionais observadas entre as regiões Norte/Centro e Sul da península. Não é sem razão que no município havia de fato duas associações italianas, separadas exatamente pelo crivo regional: a "Meridionali Uniti Vittorio Emmanuele III", que congregava os italianos do sul e a "Dante Alighieri", que tendia a reunir a maior parte dos italianos de outras regiões (Truzzi, 2000).

Assim sendo, a improvável solidariedade entre italianos do Norte e do Sul só pôde se concretizar sob circunstâncias especiais, isto é, em ocasiões nas quais uma ameaça maior, e comum aos dois grupos, se insinuava. Em geral, tais ameaças se concretizavam na prepotência do fazendeiro, patrão de todos, ou das autoridades policiais, que em geral operavam a serviço das classes rurais proprietárias. Nesses casos, pode-se

ALGUNS EXEMPLOS

1. Porcos em questão

(...) Respondeo, depois de um longo discurso, quasi todo em lingua italiana, de sorte que difficilmente pôde ser comprehendido, que tinha alguns porcos e que esses porcos algumas vezes arrondarão o chiqueiro e sahião para um pasto de João Rufino, e que em uma dessas vezes João Rufino pegando de uma espingarda e matara seus porcos; que apesar de todas as delinquências [sic] que elle interrogado fizera, já por intermedio de seu patrão já por intermedio de seus patrícios, nunca pôde conseguir que João Rufino lhe pagasse esses porcos; disse mais que em uma dessas tentativas para haver de João Rufino a importancia de seus porcos, este lhe derá um tapa e aggarrou pela barba. Dous mezes depois disto João Rufino lhe matará mais um porco e continuava dizendo "que quando se encontrasse com elle interrogado, que um ou outro não pertenceria mais ao mundo"; desorte que elle interrogado andou muito tempo assustado evitando quanto possível encontrar-se com João Rufino, que sabia andar sempre muito armado; mas um dia, isto é, a vinte quatro de fevereiro, - semi meio dia, vindo elle interrogado em companhia de sua filha Theresa, de sua

roça para jantar encontrou-se com João Rufino que puchando de um revolver avançou para elle interrogado, e que então assustado e a tremer pedia a João Rufino que não o matasse porque tinha muita

familia, que João Rufino continuou avançando e ameaçando-o com o revolver armado, e que então elle interrogado lançou mão de uma espingarda que trasia ao (ilegível), carregado com chumbo miudo de passarinho e ainda tremendo e todo assustado disparou-a e que não sabe se acertou em João Rufino.²

Tal foi o depoimento que Ambrosio

São Carlos – População de trabalho* no meio rural, 1899

origem	Italiana	Espanhola	Br. pretos	Br. brancos	Portuguesa	Austríaca	Alemã	Polaca	Francesa	total
número	10396	1356	1242	1028	886	447	211	119	3	15688

* A totalidade da população rural compreendia 24320 indivíduos.

Fonte: Estatística Agrícola do município de S. Carlos do Pinhal organizada pelo Club da Lavoura, 1899. In: Revista do Instituto de Café do Estado de São Paulo, ano XV, n.161, julho de 1940, pp. 1017-1028.

empregados no meio rural, conforme nos mostra a tabela acima:

Ainda que maciçamente italianos, havia oportunidades de interação dos colonos com imigrantes de outras origens, e sobretudo com brasileiros, tanto negros quanto brancos. Além disso, havia distinções de origem importantes entre os próprios italianos, conforme suas procedências regionais,

sugerir a hipótese de que tais ameaças funcionavam como uma espécie de catalisador da solidariedade étnica, diga-se de passagem não apenas peninsular, mas entre todos os grupos estrangeiros.

Para ilustrar a ocorrência de tais interações e de como essas se manifestam nos inquéritos e processos, analisaremos alguns casos concretos.

Brambilla, procedente de Caravaggio, aldeia localizada a meio caminho entre Milão e Bergamo, forneceu ao juiz ao se defender da denúncia formulada pelo promotor público em meados de 1890, mais de um ano após ter atirado em seu desafeto. O colono italiano Brambilla e o empreiteiro Rufino, brasileiro, eram vizinhos em uma das colônias da Fazenda Pau d'Alho, pertencente a Estevão de Souza Barros. Através da leitura dos depoimentos do réu e testemunhas contidos no processo, podemos perceber uma seqüência de eventos / interações que culminaram no crime cometido:

a) Rufino lamentava-se “por causa de uns porcos de Pamphilo [sic] Italiano que estragarão as ortas e o pasto de João Rufino; e sendo avisado Pamphilo muitas vezes e este não tendo dado (...) providencia elle João Rufino matou dois porcos e saindo um chumbiado.” (RJN, testemunha brasileira ao juiz, 20/5/1890).

b) Inconformado com o destino de seus porcos, Brambilla tentou em primeiro lugar a intervenção do fazendeiro, indo queixar-se a este, que “pedio a João Rufino que se acomodasse com Brambilla, pagando os prejuizos dos porcos, ao que João Rufino promptificou-se, pagando porém só os porcos feridos, visto que os dous que matou Brambilla vendeo e comeu, por isso nada tinha que pagar.” (RJN, testemunha brasileira ao juiz, 20/5/1890).

c) Com a recusa de Rufino em pagar todos os porcos, uma testemunha “viu Brambilla chegar a casa de João Rufino e insultal-o e este não dar respostas” (RJN, testemunha brasileira ao juiz, 20/5/1890). Outra testemunha atestou que Brambilla “comessou a insultal-o disendo palavras offensivas, como seja, cachorro, ladrão e outras mais” (JLM, testemunha brasileira ao delegado, 4/3/1889).

d) Entrementes, os porcos continuaram invadindo a horta e o pasto de Rufino, razão pela qual este “de novo os atirou apenas chumbando-os, isto seria n'um Domingo” (RJN, testemunha brasileira ao juiz, 20/5/1890).

e) Nesse ponto, como seu patrão não

resolvera, Brambilla resolveu apelar para outros colonos, muito provavelmente seus conterrâneos: “e no dia seguinte que era segunda feira (...) Brambilla chegara a casa de João Rufino com dezoito pessoas, elle armado de espingarda e os companheiros de enchadas e foices, e trasia, segundo elle depoente ouviu dizer o proposito de atacarem a João Rufino, mas graças a coragem deste que se meteo entre elles com muito animo, estes nada fiserão e declararão que vinhão para fazer a paz e ahi continuarão por algum tempo mostrando-se alegres e contentes” (RJN, testemunha brasileira ao juiz, 20/5/1890).

f) Amargurando o prejuízo pelos porcos não ressarcidos por Rufino, Brambilla, que antes já cogitara tal desfecho - “dissera que João Rufino matara os porcos delle e elle matava tambem João Rufino” (RJN, testemunha brasileira ao delegado, 4/3/1889) -, resolveu agir por conta própria: “e sexta feira da mesma semana já Brambilla tinha comprado uma espingarda, não sabia de quem nem para que fim.” (JLM, testemunha brasileira ao delegado, 4/3/1889).

g) Uma das testemunhas, brasileira, informou ao juiz que “ao meio dia mais ou menos ouviu elle depoente um tiro e d'ahi a instantes viu chegar João Rufino disendo que estava ferido por um tiro, e que quem o atirou fora Ambrosio Brambilla e elle depoente viu com effeito os ferimentos produsidos pela carga de chumbo no peito de João Rufino, pedindo-lhe nessa occasião João Rufino para ir a fasenda dar parte ao senhor Sousa Barros, o que com effeito assim o fez.” (RJN, testemunha brasileira ao juiz, 20/5/1890).

h) Inquirido pelo juiz se Rufino estava armado, essa mesma testemunha reafirmou o mesmo que antes já declarara ao delegado, que “a única arma que viu na mão de João Rufino era um guarda-chuva”.

i) Ferido e temendo outras ações por parte de Brambilla, Rufino acionou seu compadre, que também serviu de testemunha no caso, afirmando “que elle depoente viu com effeito o peito de João Rufino ferido. (ilegível) João Rufino convidou (ilegível) até a casa visto que estava com receio que sua fosse também atacada.”

(JJA, testemunha brasileira ao juiz, 20/5/1890).

j) Outra testemunha, desta feita italiana, Severino Curti, originário da mesma região que Brambilla, declarou ao delegado que “estando no trabalho de carpir café (ilegível), e ouviu a denotação de um tiro mas que não sabia d'onde partia e continuando a trabalhar por espaços de meia hora, depois ouvindo elle depoente pela estrada partir a casa jantar, segundo os costumes dos italianos isto as onze horas mais ou menos, encontrou com João Rufino na estrada este mostrou que estava offendido abrindo a camisa elle depuente viu ferimentos no peito elle João Rufino disse-lhe que isto foi Brambilla tinha atirado elle. Perguntado se sabia o motivo que tinha-se dado esse conflicto? Respondeo que todos os dias vai no trabalho e volta a noite, e chegando elle depuente em casa sua mulher lhe contara que João Rufino tinha matado uns porcos de Brambilla” (SC, testemunha italiana ao delegado, em 4/3/1889).

k) Outro italiano, Ambrosio Bertinelli, “ouvii a denotação de um tiro mas que elle depuente não sabia d'onde partira e isto as onze horas mais ou menos indo elle a casa para jantar e encontrou-se com João Rufino que estava fallando com Severino Curti e dexou este e veio fallar com elle depuente este deu bons dias e este respondeo que era um dia muito ruim e logo em seguida João Rufino desabotoando a camisa e mostrou a elle depuente que estava offendido mostrando o peito e disendo-lhe que era Ambrosio Brambilla que lhe deo esse tiro e que sabe por ouvir dizer que este deuse proveniente de matar porcos de Brambilla” (ABe, testemunha italiana ao delegado, 4/3/1889). Catorze meses depois, essa mesma testemunha declarou ao juiz que “o que sabe é que no dia referido pela denuncia vinha elle depoente do matto para a casa para almoçar, seriam onze e meia horas mais ou menos do dia, quando encontrou João Rufino e Severino Curti parados conversando e que ao chegar perto João Rufino lhe mostrara sinais de ferida no peito dizendo que fora offendido pelo Brambilla e que aquelle dia não estava bom. Que elle depoente seguiu para a casa e nada mais viu. Perguntada se sabia que João Rufino e Brambilla tinham rixa por causa de porcos? Respondeo que não se incomodava com essas cousas, que só ouviu de boca de

murmúrios. Perguntado se ouviu o eco de algum tiro? Respondeu que não” (ABe, testemunha italiana ao juiz, 20/5/1890).

1) Não sabemos quando e como o réu foi preso, mas em seu depoimento ao juiz, afirmou que, após sua desavença com Rufino, “foi em seguida dar parte a seu patrão deste facto e que este lhe aconselhará que viesse a São Carlos dar parte as autoridades e que elle com effeito veio a São Carlos, mas que , aqui chegando desistio do proposito de dar parte a autoridade porque seus patrícios lhe meteram medo com a cadea, dizendo-lhe ‘que na cadeia se passava muito mal, que não se comia, e que quando se comia a comida era ruim’. Por essa razão voltou p’ra colonia d’onde por conselho de amigos e patrícios, retirou-se logo depois, esperando voltar para mesma colonia logo que João Rufino conclui a sua empreitada e se retire”. O réu declarou ainda “que, nesse dia estava com uma espingarda porque era seo costume andar sempre com ella, porque gostava e gosta de caçar” (AB, réu italiano ao juiz, 1/7/1890).

Aparentemente banal, o episódio conflituoso acima descrito entre um colono italiano e um empreiteiro brasileiro, é capaz de nos fornecer muitas pistas sobre as tensões presentes no cotidiano rural das fazendas, a saber: as relações de vizinhança dando margem a conflitos (o que é comum tanto na zona rural quanto na urbana); a posse e uso de armas para a defesa; a tentativa de solucionar o conflito através da intervenção da autoridade (no caso, o proprietário, mas em outras vezes, nas fazendas, o feitor, capataz ou diretor de colônia); sentindo-se o colono injustiçado, sua decisão de fazer justiça com as próprias mãos; a versão construída pelo réu para justificar sua ação (as ameaças de Rufino com revólver, o temor do réu em deixar a família sem sustento, o gosto por caçar passarinhos como justificativa para o porte da arma etc.); o motivo alegado por Brambilla para não se entregar: o

medo e a fome que passaria na cadeia.

Brambilla foi absolvido, mas é notável como todo o episódio é pontuado por referências étnicas: a mobilização de conterrâneos pelo imigrante para intimidar o ofensor; a mobilização de testemunhas de origens étnicas distintas, que, se não produziram versões propriamente distintas sobre o ocorrido, enfatizaram aspectos muito diferentes (*brasileiros* insistindo nos motivos que Rufino teve para atirar nos porcos, e de não pagá-los a Brambilla, afirmando que este providenciou a compra de uma espingarda, sugerindo que premeditara o crime, também negando que Rufino portasse arma; enquanto os *italianos* não sabiam de onde partira o tiro, um deles não se incomodando com essas coisas [a briga por causa dos porcos] que só ouvira por murmúrios, chegando mesmo a negar ao juiz – em plena contraposição a seu depoimento anterior ao delegado – que ouvira o tiro). Por fim, ainda, a referência para Brambilla de seus conterrâneos (patrícios), aconselhando-o a não se entregar.

Decorre ainda da discrepância, acima aludida, entre os depoimentos fornecidos ao delegado e ao juiz, que, no período transcorrido entre os dois depoimentos, a testemunha re-elaborou sua versão sobre o ocorrido, o que sugere ser o primeiro depoimento mais fidedigno, por ocorrer mais próximo à data do crime e portanto estar menos sujeito a pressões sociais ou orientações do advogado, que pudessem suscitar re-elaborações.

2. Outra briga de vizinhos

Inquirido pelo delegado, respondeu “que é verdade que foi preso porque offendeu com uma facca ao menor Fabricceco Guelli, filho de Vicente Guelli, colono da fazenda referida e seu visinho, que si o fez, foi porque tanto Vicente Guelli como seu filho Febroneo, não só dizião palavras injuriosas,

a mulher e filha delle accusado, como prometteram de matal-o e enterral-o no pasto da fazenda” (VA, réu espanhol ao delegado, N. 322/267, 19/11/1900).

Apesar das cinco facadas no braço de Fabrício, siciliano de 15 anos, a alegação de Vicente Alcalá, espanhol de 52 anos, natural de Granada, foi o suficiente para livrá-lo de uma pena criminal. Os Guelli e os Alcalá eram moradores em uma das colônias de uma mesma fazenda e provavelmente suas origens distintas, aliadas a problemas de convivência como vizinhos, predispueram-nos ao conflito que resultou no ataque à faca sobre o jovem siciliano. O interessante é que o conflito mobilizou completamente as duas famílias: o espanhol, frente à ameaça contra si próprio e aos insultos do siciliano contra sua mulher e sua filha, reagiu ferindo o filho desse último.

A exemplo do caso anterior, em que o depoimento ao juiz foi re-elaborado, quatro meses depois Alcalá afirmou “que certamente Fabrício Guelli e seu pai Vicente Guelli tentavam penetrar em sua casa com o propósito de matal-o e também a sua mulher e sua filha, sendo que no dia seguinte Vicente Guelli quis matal-o com um machado. O interrogado não se lembra de ter ferido Fabrício com uma faca” (VA, réu espanhol ao juiz, 4/3/1901).

3. Confusão na pagodeira

“(…) respondeu que na noite de vinte três para vinte quatro do mez de julho vindo, às oito e meia horas, estando elle respondente numa pagodeira que havia na fasenda do coronel Gentil, por ter havido ali um casamento de italianos, e, depois da ceia foram a sala onde havia festa na qual entraram diversos pretos com suas mulheres e começaram a dançar e entre elles houve uma divergência que foi preciso o administrador previni-los que queria ali toda boa ordem, a vista disso; os pretos zangaram-se e um delles armado de um machado quis engolpá-lo, o que foi protestado pelo os outros colonos que ali se achavam; elle depoente vendo a resolução indigna dos pretos, tomou o machado de um deles para

delicto, que em seguida esse preto tomando-lhe o machado deo com o olho do referido machado nelle respondente e depois deu-lhes ainda umas pauladas, isto na testa, na cabeça e nas suas costas e que elle depoente não teve com que defender-se senão a intervenção dos outros convidados para pacificar a questão. Disse mais que o autor dos ferimentos com que elle respondente se acha é o preto Berlino; de estatura alta, fino de corpo, tem bigode e cavanal, colono da fazenda, que os referidos pretos Chico Terra, Chico Miguel, Tachino tomaram parte na questão porque foram estes que agarraram a elle respondente para Berlino³ feri-lo com o machado e pau. Que elle respondente e os pretos eram amigos e não sabe se elles estavam ou não (...) embriagados" (AB, vítima italiana ao delegado, 2/8/1894, N. 462/2691).

Tendo perdido nada mais nada menos que a visão de seu olho direito, em virtude do golpe de machado que recebera, Antonio Bartholomeo, de 33 anos, roceiro procedente do Vêneto, compareceu à delegacia dez dias após o ocorrido. Antes, no dia mesmo seguinte à briga, três dos quatro "pretos" já haviam sido presos pelo administrador da fazenda, que os conduziu à delegacia. O quarto deles, Tachiano, cunhado de Chico Miguel, fugira na mesma noite com a mulher.

As versões sobre o ocorrido divergem um pouco, sobretudo no tocante a quem dera o golpe. A vítima italiana situa a origem do incidente em uma divergência entre os negros, relatando ainda que Berlino acertara-o com o machado, enquanto os outros o agarravam. Chico Cosme relatou que "o preto Tachiano começou a ameaçar aos outros com um porrete e logo appareceu um italiano e deu neste com o porrete e então Tachiano do qual tinha tomado seu porrete vio um italiano que sahia com um machado na mão, então tomou o machado deste e deo em aquelle com o qual havia dado nelle uma porretada, tendo offendido o dito italiano na testa com o olho do machado" (FC, réu brasileiro ao delegado, 28/7/1893). Chico Miguel, por sua vez, contou que "dirigiu-se um italiano colono (...) e com um machado na mão deo em Tachiano seu

cunhado, a qual tomando do dito italiano, deo neste uma cacetada, digo, com o olho do machado" (FM, réu brasileiro ao delegado, 28/7/1893). Já Berlino afirmou estar "o preto Tachiano (...) brigando com a mulher quando ali chegou um italiano e deo com o cabo de um machado com que trasia em Tachiano e este tomando-lhe o machado virou no italiano na testa" (ABF, réu brasileiro ao delegado, 28/7/1893).

Em qualquer das versões, alinharam-se negros de um lado e o italiano de outro. Tudo indica que houve primeiramente algum incidente entre os negros, conforme sugeriu a vítima, ou entre Tachiano e sua mulher, como afirmou Berlino. Então, o italiano Bartholomeo resolveu interferir, provocando a briga com o machado da qual saiu vitimado. O desfecho ocorreu apesar da vítima declarar ser amigo de seus ofensores. Chico Cosme também declarou ao delegado "que Tachiano dava-se com (o) dito italiano", enquanto Chico Miguel confirmou ao mesmo "que Tachiano e o italiano eram amigos". Mas os laços de amizade, esquecidos pelo efeito do álcool e pela ira da ocasião, não foram tão presentes quanto as clivagens raciais.

4. Solidariedade entre calabreses

"Respondeu que foi buscar capim no lugar que Alfredo toma conta, dando ao seu caixeiro dois mil reis pelo que recebeu um cartão o qual guardou; veio depois disto Alfredo que perguntou a elle interrogado se havia pago o capim que já trazia na carroça? - O que respondeu ter pago e mostrou o cartão que recebera, Alfredo vendo o cartão chamou-o de ladrão porque o cartão dizia elle ser de lenha e não de capim. Elle interrogado respondeu que não era ladrão porque não tinha culpa que dessem cartão de lenha, pois que elle não sabia se éra de lenha ou capim por não saber ler. Alfredo mandou então que tomasse-lhe o capim que trazia o que foi feito por dois camaradas, estando um armado de facca e outro de machado e não querendo elle interrogado deixar tomar o capim vierão esses camaradas em cima delle que o fez tirar da facca e ferir a um delles para se deffender,

correndo em seguida- fugindo dos camaradas que por ordem de Alfredo querião matal-o" (RR, réu italiano ao juiz, 16/7/1891, N.213/237).

Essa foi a história contada por Raphael Recci, de 19 anos, carroceiro, italiano natural da província calabresa de Catanzaro, para justificar a agressão à faca em Joaquim Antonio de Souza, de 25 anos, natural de Caçapava. Joaquim era um dos camaradas de Alfredo Botelho e, em seu depoimento ao delegado, declarou que "a proposito de uma carroçada de capim pertencente a Alfredo, que o dito italiano trasia para a cidade, sem ter pago a sua importancia, teve com o mesmo uma rixa, e (o italiano) chamou Alfredo de ladrão, e como elle offendido lhe fisesse sentir que não devia chamar de ladrão a Alfredo, elle repetiu disendo: voces todos são ladrões e vibrou nelle offendido uma facada que lhe offendeu no braço esquerdo" (JAS, vítima brasileira ao delegado, 13/6/1891).

Em depoimento ao delegado, Alfredo Botelho reiterou "que tendo chegado do mato, vio um italiano ir sahindo com uma carroçada de capim. Que tratando de saber, se aquelle capim estava pago, disse-lhe o empregado de seu armazem que não o tinha sido. Que nessa occasião e a proposito disso disse elle depoente a Joaquim Antonio de Sousa, que recolhesse de novo a carroçada de capim para o quintal. Que quando Sousa, recolhia a carroça, o italiano conductor da carroça que é baixo, está principiando a buçar, e que tem olhos e cabellos bem pretos, e que mora na esquina da rua da Palma, e que se chama Raphael, sacando de uma facca saltou sobre Sousa, querendo feril-o no ventre, o que não conseguiu por ter Sousa se desviado com o braço" (AB, testemunha brasileira ao delegado, 13/6/1891).

Não sabemos se o capim havia sido pago ou não por Raphael Recci, e nem quem de fato deu início às agressões físicas, mas é significativo seu impropério lançado aos brasileiros antes da agressão à faca: "vocês todos são ladrões".

Essa é a primeira parte do episódio, que termina com a fuga de Recci (que depois será preso). Ocorre que um irmão menor de Recci relatou o

ocorrido a João Batista Mazzitelli, de 44 anos, italiano também procedente de Catanzaro, que, acompanhado de outro italiano, dirigiu-se ao local da desavença. Souza - a vítima que já havia sido esfaqueada - "encontrou-se com outros tres italianos, um armado de espingarda, outro com um revolver, e o terceiro que éra um menino não o vio com armas, disse que um delles, o que trasia espingarda e que se acha já preso, perguntou a elle offendido do outro patrício que já ferido a elle offendido, e como este lhe respondesse - que não sabia delle e mostrou o ferimento que do mesmo havia recebido, ao que o italiano que estava de espingarda disse-lhe que elle offendido ia tomar mais e disparou-lhe um tiro, cuja bala feriu-lhe na cabeça, devido a elle offendido ter-se abaixado naquelle momento, sendo que o italiano armado de revólver também disparou-lhe um tiro que não lhe atingio" (JAS, vítima brasileira ao delegado, 13/6/1891).

Nesse ponto, alguns empregados da estrada de ferro que por ali se encontravam (entre os quais um italiano procedente de Udine, no norte da Itália) efetuaram a prisão de Mazzitelli. Em primeira instância, Recci e Mazzitelli foram condenados a cumprir penas de 1 e 16 anos em prisão celular, respectivamente. Havendo os dois calabreses solidários recorrido da decisão do júri, Recci foi declarado inocente e Mazzitelli condenado a cumprir pena de sete meses e meio.

5. "Calabrês malcriado"

"(...) que hontem as nove horas da manhã mais ou menos, elle declarante, pediu ao seu patrão, o seu Custodio Teixeira Pinto, um animal emprestado para fazer uma viagem, á Estação do Monjolinho; que o seu patrão disse-lhe vá ao pasto e pegue a besta de nome estrella, e pode fazer a viagem; que elle declarante tendo recebido a ordem do seu patrão, dirigiu-se ao pasto afim de pegar a besta, mas lá chegando e não encontrando o animal já referido, veio a casa da turma para perguntar ao carroceiro de nome Francisco Andriacchi, onde é que elle poz a besta; que

este lhe respondeu, não me amolle seu desgraçado que na hora de comer-se não se falla; que o declarante respondeu-lhe, se eu sou desgraçado voce é mais do que eu; que Francisco sendo repellido, pegando em um prato quis arremeçal-o ao declarante; que Francisco pegou um machado e veio contra o declarante; que o cusineiro da turma de nome Victor Antonio tomou o machado da mão de Francisco Andriacchi; que o declarante então pegou a Francisco Andriacchi pelas orelhas e nesta occasião luctaram ambos em lucta corporal, quando em um dado momento o irmão de Francisco de nome José Andriacchi, sahindo de um quarto - onde reside - deu uma facada no declarante." (JC, vítima italiana ao delegado, 2/11/1902)

Foi assim que João Carbo, marceneiro italiano de 27 anos, queixou-se ao delegado dos ferimentos em seu tronco, cometidos a faca, por José Andreacci, que se metera na briga em defesa de seu irmão Francisco. Os Andreacci também eram italianos e logo após a agressão, o réu fugiu, sendo capturado dias depois. Sete testemunhas, todas italianas, presenciaram a briga e depois prestaram depoimento às autoridades, corroborando, em versões similares, o ocorrido.

Nesse caso, todos os envolvidos e ouvidos no episódio são italianos. Uma das testemunhas, porém, fornece um detalhe da briga que é elucidativo das apreciações distintas que vigiam entre italianos, conforme suas origens: "que estando lá, pouco depois apareceu João Carbo, perguntando ao carroceiro de nome Francisco, por uma besta de nome estrella, pois o seu patrão lhe havia dado ordem para elle pegar a referida besta; que elle já tinha ido ao pasto e não tinha encontrado; que Francisco disse eu não sei, eu não trabalhei com esta besta hoje em minha carroça; que João Carbo assollado com a resposta, *'disse-lhe voce é um cachorro, calabrez malcriado, voce é que não me quer dizer onde está a besta'*; que Francisco estava almoçando e disse não me amolle por que na hora que se está almoçando não se prozeia ..." (BD, testemunha italiana ao delegado, 5/11/1902).

O mais interessante é que os

Andreacci provavelmente nem eram de origem calabresa⁴. Isso reforça a hipótese de que o termo 'calabrês' era por vezes utilizado como insulto, por outros italianos provenientes do Norte ou Centro da Itália. De fato, entre italianos, diferenças regionais acumuladas historicamente dificultavam a identidade de todos num só grupo (Foerster, 1919). Em particular, os calabreses eram vistos com certa suspeição e granjeavam a fama de encrenqueiros; daí o termo poder ser utilizado com conotação pejorativa.

6. Dívida e mulher

"Respondeu ser verdade que os mesmos disseram. Respondeu que estando na venda de Porfino na estação do Jacaré, entrada de Ribeirão Bonito ás trez e meia horas da tarde mais ou menos, teve uma pequena questão com o italiano de nome José Geraldi e que também já não era affeiçoado de José Geraldi por questões de ciúmes por causa de uma mulher que vive como cosineira de turma na referida fazenda, e que quando na estação teve questões com José Geraldi este sahio e o esperou na entrada que da estação vai a fazenda, ao passo onde se achava Geraldo este lhe desfechou diversas cacetadas pelo corpo e que assim vendo-se agredido puchou por uma faca que consigo trasia e deo em José Geraldi uma facada no braço" (TSC, réu brasileiro ao delegado, 26/11/1894, N. 322-262).

Thomaz Severiano de Camargo, brasileiro de cor branca, de 21 anos, empregado como pedreiro, alegou que apenas defendia-se da agressão de Geraldi, italiano de 44 anos e diretor de turma de trabalhadores. A vítima, que dias depois teve seu braço amputado em razão dos ferimentos produzidos pela facada, respondeu que pedia "a quantia de oito mil e quinhentos mil réis que este (Thomas) me era dívida e que respondeu Thomas com palavras insultuosas apesar de offendido nada replicar, foi quando Thomas puxou de uma faca que trasia e o offendido apoderou-se de um pau que estava no cafezal para defender-

se mas como esse pau estava podre quebrou-se em três pedaços. Nesta ocasião Thomas virou-se contra o ofendido um golpe de faca que ele procurou aparar com o braço, recebendo então o ferimento constante do auto de corpo e delicto” (JG, vítima italiana ao delegado, 28/11/1894).

São também relativamente comuns nos inquéritos e processos criminais as brigas envolvendo disputas por mulheres ou cobranças de dívidas. Nesse caso, o réu declarou estar alcoolizado no momento do crime, mas nem a vítima nem as testemunhas ouvidas confirmaram tal condição. Na época, estar embriagado funcionava como atenuante da pena, o que explica a insistência de muitos em se declarar alcoolizados.

Thomaz foi absolvido, provavelmente porque as testemunhas presentes na cena do crime alegaram ter sido Geraldi o provocador da briga. O empreiteiro português Manuel Mendes Botelho notou “uma grande discussão entre as pessoas que formavam o grupo do qual fazem parte o réo presente e o italiano Geraldi, viu este adiantar-se largar o saco que trazia nas costas, apanhar um pau podre que encontrou no chão e com elle dar uma pancada em Thomaz quando este passava, nessa ocasião recebeu uma faccada que lhe deu o mesmo Thomas” (MMB, testemunha portuguesa ao juiz, 12/1/1895). E mesmo o italiano Fiori Nechi, conterrâneo da vítima, declarou que “virou-se então vio José Geraldi meter o pau no réu presente o qual puchando por uma faca defendeu-se” (FN, testemunha italiana ao juiz, 12/1/1895).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de inquéritos e processos criminais constitui um instrumento valioso para se compreender interações e conflitos étnicos em uma sociedade receptora de imigrantes de diversas origens. Esses imigrantes, ainda que apanhados no relativo isolamento do mundo rural, mantinham oportunidades de interação entre si, com

imigrantes de outras origens, e sobretudo com brasileiros, brancos e negros, trabalhadores simples ou investidos em funções de supervisão das lides rurais. Além das ocasiões festivas, dos domingos, dos momentos de lazer após o trabalho, da mobilidade relativamente intensa entre as fazendas, e entre cada fazenda e o núcleo urbano mais próximo, havia ainda a simples presença, lado a lado, no ambiente das fazendas, de indivíduos de origens distintas, própria de um meio que atraía imigrantes.

Pela leitura dos autos, percebe-se que nem sempre os conflitos que envolveram italianos abrigavam alinhamentos étnicos ou raciais. Contudo, em vários deles a clivagem está presente, mesmo que subliminarmente. Em alguns, nota-se que a qualquer desavença menor, propiciada pelas diferentes oportunidades de interação acima aludidas, não custava muito a uma das partes apelar para insultos de conteúdo étnico ou racial, classificando de forma depreciativa seu oponente. Nas vezes em que isso acontecia, as chances de ocorrer uma resposta violenta sob a forma de uma agressão física aumentava consideravelmente. É precisamente esse encadeamento de eventos – rusga banal / insultos ou provocações que invocam conteúdos étnicos ou raciais / agressão física grave / averiguação policial e da Justiça – que torna a análise dos inquéritos e processos criminais tão interessante como fonte para se desvendar o cotidiano de conflitos entre imigrantes rurais.

** Oswaldo Truzzi e Karl Monsma são Professores Adjuntos da Universidade Federal de São Carlos.*

(A pesquisa que originou este artigo recebeu apoio do Programa Brasil Latino da Fundação Cassamarca, do CNPq e da FAPESP).

NOTAS

1- Após o trabalho, as vendas e bares constituíam espaços de sociabilidade cotidianos, em uma sociedade com muito poucas alternativas de lazer. Por outro lado, conforme veremos a seguir, era comum que os advogados de defesa instrussem os réus para que esses se declarassem alcoolizados, com o intuito de diminuir a pena imputada.

2- Depoimento de Ambrosio Brambilla, réu italiano, ao juiz municipal, em 1/7/1890. Processo n. 257/30. Adotaremos como notação daqui por diante: (AB, réu italiano ao juiz, 1/7/1890, N. 257/30).

3- Qualificados no inquérito como Francisco Cosme, Francisco Miguel, Tachiano e Avelino Bento Frias, respectivamente.

4- Dos autos não consta a naturalidade de nenhum dos irmãos, mas consultando-se um banco de dados de registros de casamentos ocorridos em São Carlos, aí figuram duas cônjuges de sobrenome muito próximo (Andriocci), provenientes de Treviso e Roma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CLUB DA LAVOURA

(1940) “Estatística Agrícola do Município de São Carlos do Pinhal - 1899”. In: *Revista do Instituto de Café do Estado de São Paulo*, ano XV, nº 161, julho, pp. 1017-1028.

FAUSTO, Boris

(1984) *Crime e cotidiano: a criminalidade em São Paulo (1880-1924)*. São Paulo, Brasiliense.

FOERSTER, Robert

(1919) *The Italian Emigration of Our Times*. Cambridge Univ. Press.

MONSMA, Karl

(2000) *Histórias de violência: processos criminais e conflitos inter-étnicos*. Trabalho apresentado ao GT Migrações Internacionais no XXIV Encontro Anual da ANPOCS.

SCHMITT, Jean-Claude

(1990) “A história dos marginais”. In: LE GOFF, Jacques. *A História Nova*. São Paulo, Martins Fontes.

TRUZZI, Oswaldo

(2000) *Café e indústria – São Carlos, 1850-1950*. São Carlos, EdUFSCar.